O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2012

VOLUME I

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

FESTAS E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA: ESTUDO DA FESTA DE PEÃO DE PÉROLA

Autora: Roseli Aparecida Bressan[1]
Orientador: Jorge Pagliarini Junior[2]

Resumo: O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo desenvolvidos no decorrer de 06 oficinas pedagógicas. A duração da experiência foi de 32 horas no período fevereiro a julho de 2013 e teve como objetivo investigar a história da Festa do Peão do município de Pérola, contemplando novos aspectos históricos para o ensino da História do Paraná pelo viés histórico-crítico. Participaram da pesquisa 30 (trinta) alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Nestor Victor, localizado no município de Pérola – Paraná. Para o desenvolvimento da implementação pedagógica, foram utilizados encaminhamentos metodológicos diferenciados, a partir de diferentes estratégias de ação, tais como: aulas expositivas, leituras de textos diversos, análises de fontes históricas, pesquisas, apresentação e discussões de vídeos, fotos, atividades, orais e escritas, folders e elaboração de painéis com fotografias relacionadas aos eventos da festa do peão na cidade. Os resultados demonstram que as festas nunca morrem, ficam na lembrança, não se descaracteriza, acontecendo atualizações constantes. A metodologia utilizada permitiu a compreensão do estudo pelos alunos dentro de seus limites e potencialidades, contribuindo para despertar o interesse pelas aulas durante todo o processo de implementação da proposta.
Palavras-chave: Festas. Produção do conhecimento Histórico. Metodologia do ensino.

1. Introdução

A produção e utilização de fontes no estudo de História tem sido um desafio no meio acadêmico, estando restrito, muitas vezes, aos livros didáticos. Assim, o trabalho intitulado “Festas e Produção de Conhecimento Histórico em Sala de Aula: Estudo da Festa de Peão de Pérola” é fruto de pesquisas realizadas no contexto das práticas desenvolvidas no Programa de Desenvolvimento Educacional, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (PDE/PR), com a participação ativa dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Nestor Victor, localizado no município de Pérola – Paraná. A seguir destacaremos uma leitura processual e os respectivos resultados dessa produção.

Desde o ano de 1992, a cidade de Pérola conta com um evento anual que mobiliza toda a população, com a oferta de diferentes atrações. Conhecida no meio popular como “Rodeio”, a Expo Pérola ou Festa do Peão de Pérola, nos últimos

---

1 Professora da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná, lotada no Colégio Estadual Nestor Victor, Ensino Fundamental Médio e Normal, com especialização em história.
2 Professor efetivo do curso de história da UNESPAR/FECILCAM, Campus de Campo Mourão.

anos, tornou-se uma das mais conceituadas festas populares do estado do Paraná e do Brasil, sendo incluída como uma das etapas do circuito de rodeio de Barretos.

A festividade nasceu enquanto uma oportunidade para os agricultores e pecuaristas associados à Sociedade Rural da cidade de Pérola, divulgarem suas produções. Com o passar dos anos, o evento passou a divulgar também as produções da indústria e do comércio local.

Parafraseando Caillos (1989), a festa é um espaço/tempo especial durante o qual a ordem social é temporariamente suspensa, um fenômeno caracterizado pelo desperdício e desenfreamento. Por isso, as festas são eventos importantes para subsidiar a análise política e social de cidadãos, pois, nesses momentos festivos, a ordem social é temporariamente suspensa, fenômeno este caracterizado pelo autor como uma "transgressão sagrada" que contribui para regenerar a sociedade, antes do seu retorno à vida cotidiana.

De acordo com os pensadores Émile Dukheim e Marcel Mauss, os eventos festivos são fenômenos sociais totais, mediantes os quais seria possível intuir a natureza das relações sociais como um todo (ALMEIDA; SOUZA, 2008). Segundo Durkheim (1985, p. 300-1, 542, 545), a "influência corroborativa da sociedade se faz sentir com maior rapidez e muitas vezes com maior evidência, uma vez que o fluir de um estado de exaltação geral permite que as interações sociais se tornem muito mais frequentes e ativas." Dessa forma, a festa é definida por sua capacidade de agregação, de suscitar efervescências e transgressões (ALMEIDA; SOUZA, 2008).

Assim sendo, a tarefa de construção de um saber histórico voltada para a vida, para os problemas contemporâneos, tendo a festa do Peão do Município de Pérola como objeto de estudo, contribui para com o trabalho na disciplina de História, tendo em vista a importância do desafio da produção de uma leitura histórico-crítica, através de metodologias que possam ser trabalhadas posteriormente, haja vista que a produção do conhecimento, não se encerra nas mesmas.

Outros dois desafios se lançam no estudo histórico de festas municipais, seno eles, o de se trabalhar com o cotidiano dos moradores e/ou alunos e o necessário diálogo com o ensino e produção de material didático.

Dialogando com Boritza (2012), as festas em si não correspondem à economia vigente da cidade, pois, na maioria das festas municipais, fato comprovado através de pesquisas do autor com migrantes, geralmente, constituem-

se em uma “tradição inventada”. Nesse sentido, consideramos que as fontes histórias são os “vestígios” que precisam ser investigados para uma melhor compreensão da história local, tendo em vista a quase inexistência da produção historiográfica na região.

Segundo o historiador Rüsen (2001, p. 65), a consciência histórica é a “[...] constituição do sentido da experiência no tempo”, possibilitando que o passado seja entendido em relação ao processo de constituição das vivências sociais, culturais e políticas, no campo próprio do conhecimento histórico. “Ao tornar-se presente, o passado adquire o estatuto de “história” (RÜSEN, 2001, p. 155).

É justamente essa riqueza de possibilidades que torna a disciplina de História um campo de estudo de fundamental importância no contexto escolar. Para Schimidt (2004) construir o conhecimento histórico dessa forma é buscar caminhos possíveis para a transformação da relação entre o ensino e a aprendizagem, criando estratégias que contribuam para formar uma prática social humanizada e cidadã.

Gonçalves (2007, p. 190) aponta que a história local pode ser vista como estratégia pedagógica na medida em que é utilizada “[...] como elemento constitutivo da “transposição didática” do saber histórico em saber histórico escolar”. Complementa o autor, que o estudo da história local, é de fundamental importância, para despertar no aluno o interesse pela disciplina de História, contribuído para a construção da noção de pertencimento do aluno a um determinado grupo sociocultural.

Nesta perspectiva, observa-se a relevância do estudo da História Regional e Local no campo historiográfico, pois esta investigação permite uma maior aproximação do historiador com o seu objeto de estudo. Por conseguinte, a narrativa deixa de ser baseada em temas remotos, ligando-se aos fenômenos históricos da região, consequentemente do município, possibilitando a construção de uma história plural, sem qualquer tipo de preconceito, tornando certas leituras do passado mais próximo das pessoas.

Como evidencia Samuel (1990, p. 220), “a História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado”. Partindo desta visão de valorização da História regional e local no espaço escolar, optamos por refletir junto aos alunos, tendo a Festa do Peão de Pérola como objeto de estudo,

uma concepção historiográfica, possibilitando uma maior aproximação dos alunos com a sua realidade local.

Os livros didáticos privilegiam comumente exclusivamente um tipo de conhecimento histórico universalizado em temas de História Geral e do Brasil, muitas vezes, sem significado para os alunos. Como aponta Fernandes (1995, p. 04), "[...] uma história distante de seu tempo presente, de suas experiências de vida, de suas expectativas e desejos", torna o processo de ensino e aprendizagem descontextualizado da realidade imediata dos alunos, negando aos mesmos a oportunidade de perceber que a história é vida, e a função básica do seu ensino é a construção de cidadãos críticos capazes de agirem na sociedade e transformá-la.

Por um lado, o trabalho buscou aproximar os alunos da história local, ou seja, da sua própria realidade histórica, ao mesmo tempo em que possibilitou investigar os aspectos econômicos atrelados à realização do evento, traçando um perfil geral dos principais frequentadores do evento. Por outro lado, foi possível investigar a história do município de Pérola, contemplando novos aspectos históricos para o ensino da História do Paraná pelo viés histórico-crítico.

2. Encaminhamentos Metodológicos

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo desenvolvidos no decorrer de 06 oficinas pedagógicas. A duração da experiência foi de 32 horas no período fevereiro a julho de 2013.

A metodologia de oficinas pedagógicas tem se constituído como estratégia que valoriza a construção de conhecimentos de forma participativa, questionadora e, sobretudo baseada na realidade de situações, fatos e histórias de vida.

Nesse sentido, as oficinas são espaços que apontam novas descobertas e caminhos, uma vez que consiste num processo em construção de todos os atores envolvidos, tornando-se espaços oportunos para a comunicação, para a contextualização, para o estabelecimento de vínculos, de reflexão, de mudanças, de construção coletiva de um saber (CANDAU et al., 1999).

Participaram da pesquisa 30 (trinta) alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Nestor Victor, localizado no município de Pérola – Paraná.

Inicialmente, a proposta foi apresentada á direção, equipe pedagógica e alunos. Para o desenvolvimento da implementação pedagógica, foram utilizados encaminhamentos metodológicos diferenciados, envolvendo um conjunto de vivências e experiências para aprofundamento teórico-prático, a partir de diferentes estratégias de ação, tais como: aulas expositivas, leituras de textos diversos, análises de fontes históricas, pesquisas, apresentação e discussões de vídeos, fotos, atividades, orais e escritas, folders e elaboração de painéis com fotografias relacionadas aos eventos da festa do peão na cidade. As fotografias foram solicitadas pela docente aos alunos no decorrer da implementação.

Nas oficinas pedagógicas, os alunos realizaram a socialização do conteúdo estudado, fundamentando o desenvolvimento da pesquisa. Ao final de cada atividade, realizou-se uma avaliação, buscando a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, utilizando a autoavaliação e a avaliação dos pares envolvidos no processo tanto individualmente, como em grupos.

A análise dos resultados e as considerações finais foram realizadas com base na coleta das atividades desenvolvidas no decorrer do processo de implementação, nas trocas com o GTR que foi fundamental para aprofundamento na temática. O GTR possibilitou compartilhar ideias e experiências complementares ao estudo proposto, contribuindo para a produção final, nos apontamentos da docente pesquisadora e compreensão dos relatos dos participantes, que serão denominados na sequência, por: Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3, ou Grupo 1, Grupo 2, sucessivamente.

3. Resultados e Discussões

As atividades desenvolvidas inicialmente objetivaram nortear os estudos sobre a história do município, através do desenvolvimento de uma proposta reveladora de conhecimentos acerca da importância das fontes históricas para a escrita da história de uma localidade.

Ao iniciar o trabalho com as fontes históricas em sala de aula, considerou-se a necessidade de auxiliar os alunos a compreenderem quando um documento é de fonte primária ou secundária, tendo embasamento nas considerações de Schmidt e Cainelli (2005). Para os autores, as fontes primárias são caracterizadas por serem contemporâneas aos fatos históricos a que se referem, podendo ser materiais

(roupas, instrumentos de trabalho, moedas, etc.); ou escritas (revistas, jornais, documentos oficiais, folders, entre outras); e visuais ou iconográficas, como fotografias, vídeos, desenhos, logos, etc.

Por sua vez, as fontes secundárias, segundo Schmidt e Cainelli (2005) são registros sobre os conteúdos históricos, resultantes de uma intermediação realizada por diferentes pessoas. Assim, a existência ou não de intermediação intelectualizada entre objeto e pesquisador foi usada neste estudo para classificar uma fonte primária ou secundária.

Considerou-se que a utilização de diferentes tipologias de fontes históricas é extremamente útil aos estudos históricos, uma vez que trazem pistas relevantes sobre os acontecimentos. Contudo, o historiador deve ter cuidado com a autenticidade destes documentos, verificando alguns elementos como autoria, datação, elementos constituintes e sua procedência.

Neste sentido, foi definida a metodologia de trabalho, e quais tipos de fontes poderiam ser utilizadas no estudo. No caso da presente proposta, foram escolhidas fontes visuais como fotografias, *folders,* vídeos e fontes escritas como revistas e jornais da cidade e região, retratando acontecimentos sobre a Festa do Peão de Pérola, desde o início da década de 1990 até os dias atuais. Também foram utilizadas fontes orais (entrevistas e depoimentos) de pessoas envolvidas com a organização do evento ou que alteram a sua rotina diária em função das festividades, como aquelas que trabalham em barracas destinadas à alimentação ou ao entretenimento, assim como pessoas da comunidade que freqüentam a festa desde a primeira edição.

As contribuições de Gonçalves (2007) serviram de subsídios para as discussões ao propor que a preservação da memória sempre foi um desafio para o historiador e para os educadores comprometidos com a disseminação e construção do conhecimento histórico.

Assim pensando, o conteúdo relativo à história do Município de Pérola foi trabalhado por meio de leitura, análise e discussão de um texto (Antecedentes históricos do Município de Pérola) que tratou de aspectos relevantes sobre a preservação da memória que sempre foi um desafio para o historiador e para os educadores, comprometidos com a disseminação e construção do conhecimento histórico. Foi possível perceber o envolvimento dos alunos com a história. A

experiência abriu um espaço para o crescimento e trocas entre os envolvidos, tanto em relação à docente pesquisadora, como para os alunos participantes.

Foi levado ao conhecimento dos alunos que a colonização do território que hoje pertence ao município de Pérola teve início por volta do ano de 1952, com a chegada da empresa de colonização paulista "Companhia Byington Colonização" que era representada pelo Sr. Alberto Jackson Byington Júnior que mapeou os loteamentos rurais e urbanos, atraindo os primeiros migrantes para a cidade.

O município de Pérola foi criado em 14 de setembro de 1966, através da Lei Estadual Nº. 5.395, sancionada pelo Governador Paulo Pimentel, quando desmembrou o seu território do município de Xambrê. A instalação oficial ocorreu no dia 6 de dezembro de 1968. Desta forma, Pérola tornou-se um município, emancipado politicamente.

Como atividade complementar, após a leitura e discussões iniciais, os alunos responderam às seguintes questões: Como foi que surgiu o Município de Pérola? Quem foram os primeiros migrantes? Antes deles, será que existia alguém aqui? Quem eram os habitantes dessa região que compreende ao Município de Pérola?

Os depoimentos a seguir ilustram os resultados das leituras e discussões dos grupos de alunos sobre o conhecimento histórico do município:

> Nossa professora, eu não sabia que o nosso município fazia parte da comarca de Foz do Iguaçu, de Peabirú, de Cruzeiro do Oeste, de Umuarama e ainda de Xambrê (Aluno 1).
>
> Professora, as estradas rurais eram nos espigões e a agricultura era mais importante na economia do Município, depois é que veio a pecuária, o algodão, milho e também feijão (Aluno 2).
>
> Aprendi que a colonização e o loteamento rural e urbano foram efetuados pela Companhia Colonizadora Byington de São Paulo. Eu gostei da aula (Aluno 3).
>
> Nessa época tina muitos pés de café na nossa região e isso é que ajudou a colonização, ma foi difícil porque aqui tinha muita mata com animais selvagens e era também moradia das aves silvestre (Aluno 4).
>
> Acho que antes desses nomes que estão no texto, quem vivia aqui eram os índios (Aluno 5).

Corroborando com essa experiência vivenciada, a continuidade dos estudos sobre a história do município remeteu à importância do conhecimento acerca da localização do mesmo no mapa do Estado do Paraná e no Brasil. Foi explicado que o crescimento urbano do município de Pérola ocorreu devido a várias famílias que

para cá vieram seguindo a rota do café, pessoas simples, que vieram para trabalhar nas lavouras, outras com maior poder aquisitivo que puderam comprar lotes de terras, emergindo assim, um novo povoamento.

Na oportunidade, os alunos socializaram o conhecimento compartilhando ideias com os colegas, vendo imagens antigas e atuais da cidade de Pérola, assim como mapas do estado do Paraná e do município de Pérola, apontando a sua localização, ilustradas em *Power Point.* A partir dos estudos, foi possível perceber que alguns alunos já tinham conhecimento da localização do município, como apontam os discursos a seguir:

> Professora, eu já conhecia, na minha casa tem o mapa da localização do município, e meu pai sempre conta para nós muita coisa da história da cidade (Aluno 3).
>
> Eu já sabia da localização da nossa cidade, meu pai já tinha mostrado para mim (Aluno 5).
>
> Meus avôs vieram para cá quando minha mãe era bem pequena, ele trabalhava na prefeitura de motorista, veio de outra cidade porque foi mandado embora porque perderam a política, aí o prefeito o mandou embora, por isso vieram para cá. (Aluno 2).

Com base nisso, é preciso considerar que ao entrar para a escola, os alunos já trazem um saber decorrente de sua observação e de sua vivência cultural. Para as DCEs (PARANÁ, 2008, p. 14), na contemporaneidade, os sujeitos são entendidos como produtos de um tempo histórico, portanto, “frutos das relações sociais em que está inserido, mas é, também, um ser singular, que atua no mundo a partir do modo como compreende e como dele lhe é possível participar”.

Conforme o entendimento de Gasparin (2005), os signos não precisam ser apenas ensinados pela escola, mas precisam ser decodificados, a fim de que essa mesma escola torne-se um local privilegiado para a reflexão, colocando a reconstrução permanente do mundo social para todos os alunos. O resultado desse processo deve ser a formação de cidadãos que não encaram a realidade em que vivem como se fosse pronta, mas como produto das opções dos homens em sociedade, tanto no passado como no presente.

Portanto, a produção do conhecimento histórico da festa do peão, na sala de aula, mais especificamente, do município de Pérola- Paraná constitui-se, pois, num ponto importante para a socialização de conhecimentos entre os alunos que se manifestaram como sujeitos ativos do processo de construção da história da cidade.

Assim pensando, a segunda oficina foi marcada, inicialmente, pelo estudo da História da criação da Festa do Peão de Pérola que teve início com a leitura de um texto acompanhada de explicações, questionamentos dos alunos e atividade em grupos.

Algumas problematizações levantadas possibilitaram reflexões e a construção elaborada de um texto coletivo, envolvendo a todos no processo de ensino e aprendizagem. A possibilidade da educação histórica apresentou-se como um modelo aberto, dinâmico e incompleto, uma vez que está sempre em construção, favorecendo o interesse dos alunos, auxiliando-os a adentrarem o campo do conhecimento.

Com tal ideia e a partir dos resultados das discussões em grupos foi solicitado que cada grupo de cinco alunos elaborasse um texto acerca do entendimento dos mesmos com base o seguinte roteiro de questões: Como surgiram as festas de rodeio? Quem sediou a primeira prova de montaria em sela? Como o rodeio foi reconhecido? Quais são as principais informações do texto? Quais as atrações citadas no texto? Você se interessa por todas elas? Justifique. Afinal, como essa tradição chegou ao Brasil? O Brasil se inspirou em outros países, quais? E ao município de Pérola? Na sequência, os conteúdos foram registrados pelos cinco grupos, no quadro-negro, e a professora registrou as ideias dos alunos que resultou no seguinte texto:

> Os rodeios surgiram depois da guerra contra o México no século XVII, tendo início no México. Depois é que surgiram os rodeios originários das lidas das fazendas de gado no Centro-Oeste. A cidade de Colorado no ano de 1869 teve a primeira prova de montarias em sela, no Deer Trail. Foram os ranchos e as fazendas com lugares muito parecidos com filmes de faroeste que serviam de cenários para as provas dos vaqueiros que queriam participar da festa. O rodeio surgiu entre os anos de 1890 e1910, para divertir as pessoas em vários lugares do Oeste, passando depois a ser reconhecido como esporte atraindo muita gente de todos os lugares do Oeste. Foi em meados de 1920 que com o campeonato em Boston e na Cidade de Nova Iorque este esporte passou a ser um evento nacional e foi conhecido pelo mundo todo. Nós gostamos de saber como tudo iniciou e agora vamos aprender como isso aconteceu na nossa cidade (Texto Coletivo).

Foi possível observar o envolvimento dos alunos com a atividade e o entendimento bastante aproximado acerca dos conceitos históricos relativos ao início da festa do peão na cidade de Pérola. Colaborando para que eles entendessem que a festa ocorrida na cidade onde vivem faz parte de um

pertencimento histórico bastante antigo (e que não é originário do Brasil, nem do Paraná), mas que continua vivo nos dias de hoje. Isso ficou demonstrado na elaboração do texto coletivo organizado pelos alunos, com a participação efetiva da docente nos grupos.

Considerou-se que a finalidade básica do ensino e aprendizagem de história na escola é levar os alunos a produzirem reflexões de natureza histórica, praticando um exercício de reflexão critica, que os encaminhem para outras reflexões como sujeitos históricos com saberes e práticas tanto no cotidiano de suas vidas como na escola. Como pontuam Ferreira e Amado (2001), a história contribui para uma produção de conhecimentos, como nenhuma outra ciência é capaz de produzir, sendo fundamental para a constituição do sujeito eminentemente histórico.

Daí a importância de que o conteúdo básico de História estudado na escola, não seja mecânico e fragmentado da realidade vivenciada pelos alunos e professores, para se tornar mais aplicável a um significado de vida para todos.

Ainda, nesta segunda oficina, professor e alunos refletiram sobre a história da criação da festa na cidade, a partir da leitura e discussão de um texto intitulado "História da Criação da Festa do Peão de Pérola" que tratou de aspectos importantes do evento. Como atividades complementares os alunos assistiram vídeos e realizaram trabalhos em grupos, para demonstrar o entendimento sobre as questões pontuadas.

Algumas questões serviram de roteiro para as discussões: De acordo com o texto, quando a festa fora organizada? Quais pessoas e instituições (grupos) participaram dessa construção? Atualmente, essas pessoas ou grupos obtêm lucros econômicos com a realização da festa? A festa de peão representa a economia local? Se fôssemos criar hoje uma festa que representasse a econômica da cidade, qual seria o tema desta festa? Justifique. Sua família participa diretamente da festa? Colabora de alguma forma? O que você acha da organização da festa em relação aos shows, barracas, fogos, animação, montarias...? Quando vai à festa fica até terminar?

A leitura histórica utilizada no trabalho permitiu ouvir as vozes e opiniões envolvidas no processo de reflexão, articulando as ideias dos alunos e da professora regente em sala de aula. O fato de ouvir as opiniões, aventar as ideias, compartilhar situações cotidianas, envolvendo os alunos em torno do debate sobre a história local

foi um experiência significativa. Os registros construídos são riquíssimos e podem ainda ser explorados. Sobre o assunto alguns registros merecem destaque:

> A festa foi iniciada na cidade por um grupo de pessoas de Pérola liderado pelo prefeito José Joaquim de Souza que já é falecido e foi o primeiro presidente da festa, e naquele momento mobilizou a criação da Sociedade Rural de Pérola. Na época foram os esforços de agricultores, pecuaristas, comerciantes e de muitas outras pessoas que fizeram este evento crescer tanto. Esta festa é legal, a gente vai com a família e não vai embora enquanto não termina as atividades do dia (Grupo 1).
>
> Na nossa cidade esta festa dura até uma semana nos meses de março a abril. Na festa tem muita gente que participa com leilão de gado, atrações musicais, provas de montaria, rodeio e shows com diversos artistas consagrados da música sertaneja, parque de diversões, barracas com comidas típicas, exposição de gado de argola e muita gente de toda a região que vem para participar e contribuir com a nossa economia e ficam hospedados na cidade (Grupo 2).
>
> As pessoas ou grupos obtêm lucros sim porque movimenta todo mundo que ganha com as vendas dos produtos comercializados. Por isso ela é muito importante para a nossa economia local. Muitas famílias participam da festa, acho que pouca gente fica de fora, e muitas pessoas dos arredores participam, já vimos pessoas de outras cidades até de muito longe. Os parentes das pessoas que moram aqui também ficam sabendo e viajam para participar. (Grupo 3).
>
> Todo mundo gosta da organização da festa como os shows, as barracas, os fogos, a animação, as montarias e tudo o mais atraindo gente de todo lugar. Todas as famílias gostam de participar e levar os seus filhos para se divertir. (Grupo 4).

Como se percebe os alunos enfatizou a “construção oficial” do evento, evidenciando nas suas leituras a contribuição de personalidades locais. De início, nenhum aluno se posicionou a respeito de outro tema para a festa, e nenhum deles disse não gostar de “rodeio”. Ao indagá-los sobre a questão, os mesmos referiram que não gostariam de mudar um nome, que já é tradição para a cidade. Outro aspecto trabalhado e que não aparece nos registros dos alunos, diz respeito ao fato de que, embora a festa seja muito importante para a cidade, a mesma não corresponde a uma sociedade igualitária. Sobre o assunto, foi comentado que, historicamente, as festas municipais têm sido eventos utilizados pelas políticas e empresariados para demonstrar a potência da econômica local.

Refletiu-se, também, sobre a influência do frenesi causado nas pessoas em virtude dos acontecimentos por meio de comportamentos benéficos (realização de desfile, danças culturais, doação de alimentos, organização de barracas com fins filantrópicos, etc.); bem como os comportamentos que trazem prejuízos para a

sociedade em geral, como o uso excessivo de bebidas alcoólicas, de drogas, brigas, etc., entre outros aspectos.

Como atividade complementar, na sequencia, foi posto para debate, também, um pequeno texto adaptado de Eric Hobsbawn em seu livro “A invenção das Tradições”. Foi enfatizado que, muitas vezes, as tradições são inventadas por elites nacionais para justificar a existência e importância de suas respectivas nações. Os alunos foram questionados: Vocês acham que uma tradição inventada impõe-se uma repetição, uma maneira de resistir à inovação e dar continuidade histórica?

No geral, para os alunos, a experiência em questão revestiu-se de grande interesse envolvendo-os com a tarefa, permitindo que os mesmos se posicionassem a respeito da história da festa do peão na cidade, conforme registros das reflexões realizadas em duplas:

> Eu acho que a festa do peão é muito importante para a cidade, na nossa cidade a festa acontece para dar alegria às pessoas, mas acho que tem alguns políticos que se aproveitam para aparecer (A4).
>
> A festa é importante para o comércio da cidade, trazendo mais riqueza para a cidade, e sendo conhecida por todo o Brasil, porque vem gente de todos os lugares (A5).

Do exposto, os alunos demonstraram perceber a importância desta atividade festiva para o município, que além de tantos outros aspectos, tem contribuído para aquecer o comércio, a gastronomia, o setor hoteleiro, gerando riquezas e divulgando a cidade e região para o Brasil inteiro, através dos diversos turistas freqüentadores de tais eventos.

Dando sequência, na terceira oficina pedagógica, o professor iniciou a aula problematizando a relação existente entre a colonização e a organização da festa, levando os alunos a perceberem que a festa corresponde à demanda de interesses econômicos e políticos de determinado momento histórico da história local. Outra reflexão remeteu aos múltiplos usos que os sujeitos fazem da festa.

Para subsidiar a temática, os alunos ouviram a música “Festa do Rodeio” da dupla Leandro e Leonardo, sendo questionados a seguir sobre: O que achou da música? - Você gosta deste estilo de música? - Que mensagem essa música passa ao público que frequenta a festa? - Qual a visão geral dos autores da música sobre festa de peão de rodeio? - A festa tratada na música se parece com a de Pérola?

A opção por desenvolver um trabalho tendo a música como recurso metodológico, considerou que ao estabelecer uma relação cotidiana com a música em sala de aula é possível construir uma prática pedagógica transformadora nas aulas de História, favorecendo a ampliação do vocabulário. O uso apropriado de diferentes discursos é aprendido sempre que os sujeitos interagem com diferenciados grupos sociais.

De acordo com Piroli (2007, p. 07) é necessário utilizar a canção como fonte de pesquisa histórica e como recurso didático em sala de aula, no sentido de auxiliar os alunos na construção do conhecimento histórico. Para a autora, a música auxilia a compreender a identidade dos sujeitos e a história "do nosso país, de tal maneira que quando escutamos uma canção, essa nos reporta a um momento inesquecível da nossa vida, ou que marcou a vida do país" (p. 07).

Daí a necessidade de criar situações de aprendizagem significativas com a música nas aulas de História, visando ampliar a capacidade de comunicação dos alunos, garantindo-lhes um espaço em que as canções sejam utilizadas como instrumento de ensino e aprendizagem. A educação escolar não pode continuar vinculada a uma concepção de escrita eruditizada, fechada pelo poder incontestável da norma culta, acessada por poucos e, principalmente, preconceituosa, uma vez que exclui do seu domínio grande parte da sociedade consumidora da linguagem como afirma (CITELLI, 2004).

Após as discussões, em duplas, os alunos foram convidados a elaborar uma paródia de algumas músicas sertanejas, para apresentá-las à classe.

> INDÚSTRIA EM PÉROLA
>
> A indústria aqui em Pérola começou muito recente, porque antes era agricultura, que envolvia toda a gente. E depois vieram as fábricas, e tudo aos poucos foi mudando, as pessoas vieram para a cidade e a indústria pega o tranco e o povo sai da lavoura.
> Ei, ei, ei, companheiro, se quiser comprar uma moto, tem que entrar no grupo OPNNUS. Ei, ei, ei, companheiro, tem que ser bom costureiro e também contar com a sorte.
> Das indústrias aqui de Pérola, a maior é a OPNNUS! Mas temos vários acabamentos, e barracão pra todo lado. Em tempo de indústria, não dá pra ficar parado.
> Os donos da OPPNUS assistem a festa do Rodeio de camarote na arquibancada, e nós nos divertimos na festa trabalhando se quiser assim mesmo... ou nada!!! (Grupo 1).

Pelo resultado dos registros nesta paródia, o trabalho com a música “Festa do Rodeio” possibilitou que os alunos expressassem e falassem de seus sentimentos. Na visão dos alunos, a presença das indústrias na cidade é recente, pois até a chegada do setor industrial, a maioria era lavradores. Aqui fica evidente o modelo econômico proposto frente a uma ideologia capitalista, consumista, em que as pessoas saem do campo e vão para a cidade fazendo trabalho duro para sobreviver e progredir na vida. Na fala dos alunos: “[...] se quiser comprar uma moto, tem que entrar no grupo OPNNUS. Ei, ei, ei, companheiro, tem que ser bom costureiro e também contar com a sorte”.

Neste verso da paródia, os alunos fazem uma crítica as relações econômicas locais. Embora concordem que a festa é importante para determinado setor da sociedade local, alguns a curtem de seus camarotes, enquanto a maioria dos cidadãos se diverte trabalhando e outra parte da população não vai à festa por achar caro as entradas. Assim sendo, apesar de ser muito importante para a cidade, a festa é ao mesmo tempo excludente, elitista, uma vez que nem todos podem vivenciá-la em todas as suas opções.

Evidentemente, a História local não pode ser desvinculada de um contexto mais amplo de região, ou seja, não é possível falar da festa do peão de Pérola, sem fazer uma relação com o cenário nacional, com a desigualdade existente no país. O fundamental é perceber as relações históricas na mais pura especificidade. O estudo do local focaliza o peculiar, redimensionando a análise do nacional, revelando as identidades e semelhanças, situando, ao mesmo tempo, o indivíduo “no seu meio sócio-cultural, político e geo-ambiental, na interação com os grupos sociais em todas as extensões, alcançando vencidos e vencedores, dominados, conectando o individual com o social” (NEVES, 2002, p. 89).

Assim, considera-se a necessidade de organizar o tempo e o espaço na escola para que a música adentre o ambiente escolar nas aulas de História, estimulando os alunos a participar ativamente do processo ensino e aprendizagem. A linguagem musical amplia a consciência, possibilitando a transposição das abstrações em situações concretas, determinando maneiras de falar, agir, pensar e entender o mundo.

Dando continuidade ao tema, na quarta oficina, os alunos realizaram uma entrevista com alguns migrantes do Município de Pérola, que foram convidados a comparecer à escola em data e hora marcada para uma “roda de conversa”. A

intenção foi compreender aspectos importantes da chegada dessas pessoas na cidade, bem como de suas percepções em relação à historicidade da mesma.

Na ocasião, os alunos foram divididos em grupos de até 4 (quatro) alunos para facilitar o desenvolvimento das atividades e possibilitar que todos se envolvessem na atividade. Cada grupo ficou responsável por uma tarefa que foi delineada pelo professor com a participação dos grupos que puderam opinar quanto à realização da sua tarefa. Por exemplo, um grupo foi encarregado de apresentar os grupos aos primeiros moradores a serem entrevistados; outro para conduzir a entrevista; outro para registrar os dados; outro para agradecer os convidados em relação à sua presença, entre outros dados importantes.

Para o desenvolvimento da atividade, optou-se por atribuições de tarefas rotativas. Essa estratégia permitiu que cada aluno (a) assumisse diferente papeis, dificultando que o grupo fosse dominado por alguns alunos (as), excluindo outros (as) mais tímidos (as), por exemplo.

Os alunos (as) fizeram a entrevista com dois migrantes do Município presentes a partir das seguintes questões: Quando chegaram a Pérola? Por que vieram? Data da chegada da família em Pérola. De onde vieram? Que tipo de atividades exercia? Conte um acontecimento importante daquela época para você ou para sua família. Descreva um fato curioso ou engraçado daquela época. Conte uma história que as pessoas contavam naquela época? Em que ano aproximadamente começou a ocorrer a Festa e Rodeio aqui em Pérola? Antigamente essa festa era diferente? Por quê? Qual era mais divertida? Por quê? Para que serve uma festa municipal? Se você pudesse, mudaria a festa? Como ela seria? Essa mudança agradaria as pessoas atualmente? Quais festas existiam antes da Festa de Peão? Todos frequentavam? Conte uma história curiosa que você viveu durante alguma festa.

A partir das entrevistas, de volta à sala de aula, os alunos debateram sobre as informações colhidas, estando atentos às particularidades presentes nas falas dos entrevistados, conforme alguns registros.

> Eu achei legal fazer a entrevista, ouvir os relatos deles, mas tem coisa que eles não se lembram muito bem, eles chegaram no início da colonização de Pérola, vindo de Minas Gerais e tudo era muito difícil, só tinha mato, as estradas não eram asfaltadas... só se via mato. Eles adoram a festa do peão e não mudariam a festa, porque a festa é legal e atrai gente de todo lugar e ajuda a economia do município (A1).

> Foi legal fazer as entrevistas. Um deles veio de São Paulo no início da colonização do município quando tudo ainda era mata, sofreram muito e não tinha nada para se divertir. A festa do peão é uma novidade para a cidade porque a cidade fica conhecida em quase todo o Brasil. Dá emprego na época da festa para muitas pessoas da cidade que esperam pela festa de ano a ano que sempre foi muito frequentada por todos da cidade, das crianças aos adultos. Ele acha que o nome da festa já está marcado e foi muito bem escolhido. vem gente de todo lado é uma festa só... todo mundo se diverte muito na cidade (A2).

Os alunos demonstraram interesse em fazer as entrevistas, pontuar as questões que se sobressaíram nos depoimentos, tendo a oportunidade de compartilhar experiências com pessoas que vivenciaram a história do município, desde o início de sua criação. Contudo, percebeu-se certa dificuldade por parte dos convidados em responder às questões das entrevistas e dos alunos em organizá-las. De acordo com Portelli (1996), a história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns,

> [...] mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo o momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe estas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas (PORTELLI, 1996, p. 8).

O autor ainda enfatiza que essas diferenças entre o modo de percepção das pessoas é algo que simboliza a variedade de pensamentos presentes na sociedade, e que esta pode ser representada como um mosaico “[...] em que cada fragmento (cada pessoa) é diferente dos outros, mesmo tendo muitas coisas em comum com eles, buscando tanto a própria semelhança como a própria diferença” (PORTELLI, 1996, p. 8).

Outro trabalho significativo para nossas leituras trata-se da pesquisa desenvolvida por Rompato (2012), no qual faz um comparativo de fontes escritas e orais em seu artigo, ressaltando que, ao tratar de construir uma história local de localidades que não possuem um acervo com documentação escrita, a fonte oral pode colocar em dúvida a veracidade dos fatos relatados. Contudo, tal fato, está atrelado ao preconceito, pois um documento escrito pode ser violado a qualquer momento.

No decorrer do encaminhamento de nossas entrevistas, algumas questões ficaram sem respostas, como o ano aproximado de seu início. Assim sendo, foi

pontuado, com base nos documentos, principalmente através dos jornais e *folders*, que a festa do Peão de Pérola começou inicialmente com atrações musicais, parque de diversões sendo inseridas nas atividades festivas as competições de rodeios apenas nos anos de 1992, mobilizando a partir de então, parte significativa da população local, com a oferta de diferentes atrações; e, a partir do ano de 2003, transformou-se também em exposição agropecuária. O evento foi criado a partir de um grupo de cidadãos perolenses, que se reuniram para fundar a Sociedade Rural de Pérola. A partir daí criaram a festa e exposição agropecuária para maior divulgação de suas produções e trabalhos, contando, também, com a participação efetiva da comunidade em geral (escolas, associações, entidades filantrópicas), que participam da festa de alguma forma, sejam prestigiando a mesma todos os dias, ou apenas em alguma parte dela, já que tem desfile, banda na rua, e outros atrativos no decorrer da semana do evento.

Como docente é possível inferir a respeito da importância deste tipo de atividade para os alunos. Foi fundamental contextualizar o ensino e a aprendizagem do conteúdo por meio das entrevistas, em alternância a um ensino em História tradicionalista e fragmentado da realidade.

Fonte: Sociedade Rural de Pérola
Foto: A Autora

Fonte: Disponível em:
<http://www.perola.pr.gov.br/institucional/perola_pr/1>.
Acesso em 24/09/2012às 11h00min

A partir desta estratégia de ensino e aprendizagem de ensino em História, os alunos puderam entrar em contato com a sua realidade, confrontando-a e

relacionando-a com outras realidades históricas, sendo capazes de formar opiniões críticas e reflexivas a respeito do assunto abordado.

Dando continuidade à proposta de implementação, na quinta oficina, professor e alunos refletiram sobre a Lei Orgânica Municipal referente a festas e/ou outras comemorações na cidade. A intenção foi trabalhar a importância das leis, demonstrando que estas são tão significativas quanto uma imagem de *folders*, fotografias, etc... Na sequência, o professor apresentou alguns folders de diferentes edições da festa, em datas diferentes, divididos conforme as edições dos eventos.

Este momento permitiu aos alunos e professor que trabalhassem com uma discussão mais aprofundada sobre o tema, tendo os *folders* como base de fontes da análise, importantes formas de registro histórico, demonstrando muitos dos acontecimentos ligados ao cotidiano das Festas desde o seu início.

Após a visualização e estudo das imagens, os alunos debateram o conteúdo partir das seguintes questões: Quais são as principais informações históricas presentes nos cartazes em relação à cultura, época, lugar, questões econômicas, consumismo? Teve êxito? Quais informações realmente condizem com os acontecimentos (quando, onde, atrações...)? Quais informações poderiam ser questionadas pelos moradores da cidade? Para você, que importância pode ter o conhecimento da sua história, a história da sua família, da sua cidade e do seu país?

As discussões e reflexões subsidiaram a compreensão sobre as questões, proporcionando momentos de ensino e aprendizagem efetivos. O texto a seguir foi fruto de uma atividade coletiva:

> É importante conhecer o passado para saber se tem algo errado no passado e não errarmos novamente. Sobre a história de algumas pessoas como da família é para ter mais afinidade, saber seu gosto para tentar agradá-los (A1).
>
> Porque é interessante saber a história da cidade de Pérola e do país e a história da minha família (A7).
>
> Para saber de onde viemos, de onde nossos pais, avós vieram, para saber a história de nossa terra, a história de onde nascemos e vivemos e também morremos. Na minha opinião é isto (A12).

Os alunos demonstraram compreender que é necessário discutir sobre o passado, para saber a história do povo, da terra na qual nasceram e vivem. Como conclusão e retomada das atividades desenvolvidas, na sexta oficina, os alunos

compartilharam suas ideias em uma atividade que objetivou demonstrar a o significado da festa do peão de Pérola, como elemento da memória da cidade, contribuindo significativamente para o estudo da história local e regional.

Para isto, antecipadamente, os alunos foram convidados a trazer para a sala de aula, algumas fotografias de álbuns de família compartilhando momentos festivos, confraternizações, eventos, passeios entre outros. Em sala, os alunos selecionaram as fotografias de acordo com o tema proposto, catalogando e sistematizando-as em seções categorizadas por cada ano do evento.

Os alunos foram orientados pela docente no sentido de que o estudo da história através de documentos, possibilitaria a compreensão dos homens, enquanto sujeitos do processo de construção. Consideramos a imagem enquanto um excelente caminho para o estudo, especialmente, ao abandonar a antiga perspectiva de que ela é apenas um suporte de ilustração aos textos, sendo usada como documentos em pesquisas históricas, capaz de retratar a realidade, sem fornecer uma cópia fiel do real. A fotografia por se constituir em uma imagem congelada pode ser interpretada além das aparências e percebida como produto das escolhas de quem a realizou.

As atividades desenvolvidas permitiram problematizar junto aos alunos algumas construções memorialistas de momentos festivos, alem do contraponto com confraternizações compartilhadas pelos familiares no decorrer da história da cidade. Organizados em grupos, compartilharam as fotos tecendo comentários. “Olha eu tenho uma foto dessa festa também” (A4), referindo-se ao 1º Rodeio Amador de 1992. Outro comentou: “Meu pai falou para eu não perder nenhuma foto, porque são relíquias” (A7).

Na sequência, foi solicitado que escolhessem as fotografias de cada equipe para análise das mesmas, transcrevendo os dados para uma ficha. A intenção foi criar um acervo histórico que ficou à disposição de alunos e professores, com a exposição das fontes históricas encontradas.

Por conseguinte, foi possível constatar que os alunos foram capazes de estabelecer uma relação entre a teoria e a prática implementada, mas não perceberam a real intenção da atividade, por se tratar de alunos do 6º ano.

Ao final, todas as produções dos alunos (textos, mapas, leituras de textos, trabalhos em grupos, observação de imagens, fotografias, *folders*) trabalhados em

aulas e organizados pelos alunos, entre outros materiais, foram apresentadas à comunidade escolar.

A avaliação foi realizada em todos os momentos das atividades propostas, considerando a participação e o envolvimento nas discussões e realização das atividades solicitadas. Dessa forma, o processo avaliativo ocorreu a partir da participação e produção dos alunos.

4. Considerações Finais

A proposta de intervenção possibilitou aos alunos a compreensão da necessidade de valorização do estudo da História local, contribuindo para o desenvolvimento do processo de conhecimento e crítica da realidade vivenciada por eles, no caso específico, do processo histórico do município de Pérola.

Pelos relatos dos participantes foi possível concluir que as festas nunca morrem, ficam na lembrança, não se descaracterizam, acontecendo atualizações constantes. Embora o enredo da festa não se repita o evento não deixa de acontecer, e a cada comemoração é possível tornar novamente presentes os acontecimentos do passado que são julgados importantes para integrar a comunidade que a realiza.

O estudo mostrou que cada sujeito tem uma história, que começa bem antes do nascimento deles e de seus pais, carregando vivências de toda a família, e consequentemente de toda a humanidade. Em relação à história do município e da festa, entenderam que é fundamental compreender as permanências e mudanças ocorridas ao longo do tempo e do espaço.

A metodologia utilizada permitiu a compreensão do estudo pelos alunos dentro de seus limites e potencialidades, lidando-se com um discurso memorialista, com as desigualdades percebidas no decorrer da festa e contribuindo para despertar o interesse pelas aulas durante todo o processo de implementação da proposta, ao se produzir fontes de estudo.

Referências

ALMEIDA, Jorge de; SOUZA, Ana G. R. Qualquer Festa é Festa? In: PESAVENTO, Sandra J. et al. **Sensibilidades e sociabilidades**: perspectivas de pesquisas. Goiânia: UCG, 2008.

BORITZA, R. **Do cru ao assado**: a festa do boi no rolete de Marechal Cândido Rondon. Cadernos PDE, 2012

BURKE, P. (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo, UNESP, 1992.

CANDAU V, ZENAIDE M. N. T et al. **Programa nacional de Direitos Humanos.** Aprendendo e ensinando direitos humanos. João Pessoa; 1999.

DURKHEIM, Émile. **Les formes élémentaires de la vie religieuse.** Paris: PUF, 1985.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2001.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest:** Turismo, Festa e Cultura na estação do chopp. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1997.

FONSECA, B. **O ensino de história:** identidades e comemorações nas representações fotográficas do município de Iretama na década de 1970. Cadernos PDE, 2012

GONÇALVES, M. de A.. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: GASPARELO, A. M. et al. **Ensino de história**: sujeitos saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

NEVES, E. F. **História regional e local no Brasil**: fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local. Feira de Santana/ Salvador, UEFS/ ed. Arcádia, 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná de História**. Curitiba: SEED, 2008.

PÉROLA, Prefeitura. http://www.perola.pr.gov.br/institucional/perola_pr/1 acesso em 24/09/2012 às 12:49.

ROMPATO, M. **Construção histórica da (Re) ocupação do noroeste do Paraná**: O caso de Paranavaí e região. Revista Urutágua, nº 26, DCS/UEM, 2012.

SAMUEL, R. História local e história oral. In: **Revista Brasileira de História**. pp. 219-242. v. 9, n.º 19, set. 1989/fev. 1990.

SCHMIDT, M. A.; C. M. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.